



Polinésia Francesa

Ana Catarina Teles

FEVEREIRO 2020

O Convite





O lado esquerdo do mapa nunca tinha passado pela minha cabeça, como a maioria dos fatos que têm me acontecido.

Pensava em descobrir um novo destino, pesquisava as passagens e bah, fechava o navegador do computador. “Caro, inacessível, nunca vou pra lá”, era eu me dando um choque de realidade.

Bom, que bom que eu estava completamente equivocada! No WhatsApp (imagina daqui a 10 anos lendo isso e achando o APP ultrapassado?), uma mensagem da Georgia, que na verdade era o Diego, marido dela disfarçado. Georgia e Diego são um casal do Rio Grande do Sul que vive a bordo do Veleiro *Unforgettable* há mais de quatro anos. Soltaram as amarras do sul do Brasil para viver as maravilhas do planeta água e nunca mais voltaram. Nos conhecemos em janeiro de 2019, no Panamá, quando fiquei cerca de 15 dias no *Unforgettable* para gravarmos um documentário com Phil Rajzman, longboarder, sobre a relação do ser humano e a água. Se chamava “Nyuul, nas águas do Panamá”.

Nyuul quer dizer “água” no dialeto Ngöbi, tribo panamenha visitada por nós, num local paradisíaco que só tinha eles e altas ondas. Voltando pro Whatsapp, a mensagem se tratava de um convite do casal para passar uns dias com eles na Polinésia Francesa. Era algo tão distante pra mim que dessa meiuca eu só sabia do Tahiti. O Diego é oceanógrafo e estuda muito os destinos que eles vão. É um capitão calmo, respeitoso e eu amo o jeito dele de falar.

Vocabulário rebuscado, boas piadas, assim também é a Gê. Nas tarefas, a Gê faz você se sentir em casa, faz de tudo para agradar, é uma cozinheira de mão cheia e mais do que o sabor da comida, é a forma afetuosa como ela é feita. E tudo isso somado ao paraíso, não tem receita melhor!



Dentro desse convite irrecusável, eu poderia levar mais uma pessoa comigo, além das minhas tralhas de equipamento. No meu status do momento – solteira - chorem contatinhos, vocês não foram suficientes para uma trip calibre lua-de-mel, tive um estalo e pensei: vou chamar o Bezerra.

O Bezerra é o Bruno (eu oscilo o jeito de me referir a ele), parceiro fotógrafo com quem divido turmas de workshop de fotografia aquática e cuja companhia desfrutei em 2018 quando passamos um mês dormindo numa Campervan (uma Fiorino melhorada) na Islândia.

Essa viagem nos rendeu frutos como uma exposição bacana e venda de fotos, além de ter nos mostrado o quanto as pessoas gostavam do nosso conteúdo juntos. Daí a ideia de repetir esse formato. Além, claro, da possibilidade de podermos agregar valor à imagem do casal. Diego e Georgia têm um canal no Youtube e dividem todas as experiências com os seguidores. Muitas vezes eles não têm uma terceira pessoa para gravá-los juntos. Acreditem, faz falta! Tinha certeza de que a Polinésia seria a Disney dos fotógrafos aquáticos. Meu *approach* pra ele foi: “Bruno, da última vez que te chamei pra uma furada foi sucesso, lembra? Confia em mim!” Ele confiou (#medo).

Menos de três meses de preparativos, projeto montado e disparado para empresas que viabilizaram a nossa ida - obrigada CORONA E MEUDOME - e Polinésia... lá vamos nós! Mal havia digerido Nazaré (dezembro/19 a janeiro de 2020), frio de 6 graus, roupa de borracha de 5mm, e já estava embarcando em outro desafio. Minha vida tem sido assim, e eu estou amando essa dinâmica. Passei no Rio de Janeiro literalmente para trocar de mala, deixar a de frio e pegar a de calor, e dar um beijo no pessoal!

Tahiti





Bancada de Teahupoo



Já começo pelo Tahiti com uma mini ignorância e que a gente não aprende na escola. O Tahiti apenas contém a capital Papeete (leia-se Pape-etê), e não chega a ser um país.

Na verdade, a Polinésia engloba inúmeras ilhas e é chamada de uma “coletividade ultramarina pertencente à França”, cuja moeda que circula é o franco polinésio. Cem francos valem cerca de 1 dólar americano. Na minha cabeça, Tahiti era um país e Polinésia era um conjunto de várias ilhas, mas o Tahiti era algo a parte.

A chegada ao Tahiti de fato, foi cansativa. Rio, Santiago, Ilha de Páscoa, Papeete, num total de 26 horas. E sem banho! O que foi ótimo para o Bruno já ir se acostumando a usar menos água no barco. Passamos três dias apenas (mas suficientes) em Papeete na espera do voo para Fakarava, o atol na Polinésia onde combinamos de encontrar o casal. Como fotógrafa de surf esforçada que sou, o único lugar que fiz questão de ir foi Teahupoo, uma das ondas mais plásticas do mundo.

Durante a nossa estadia em Papeete, um brasileiro de Minas Gerais nos acompanhou porque além de nos ter alugado um local para dormirmos, ainda nos levava de carro para os lugares. Ele tentou me convencer de que eu iria me decepcionar com Teahupoo (alguns falam Tearúpo, outros Tchopô). Vamos lá... um mineiro tentando convencer uma fotógrafa de água que ela iria se decepcionar com um dos cenários mais icônicos do mundo do surf? Não, né?! Chegamos ao vilarejo de Teahupoo. Chovia como sempre, já que o clima é bastante instável na ilha com muitas montanhas. A onda é um pouco afastada, porque a bancada fica mais mar adentro. É necessário pegar um barquinho para ir e, como ainda não estávamos no veleiro e não tínhamos bote, tivemos que buscar um taxi boat. Não achamos nenhum disponível na marina e tivemos que caçar um. Encontramos Teva, o



Vista aérea Papeete



No mar de Teahupoo
"pinto no lixo"

típico thaitiano que tinha uma hospedagem bem simples e também oferecia o serviço de transporte. A galera se vira e faz de tudo um pouco. Descobri que o francês que havia aprendido em 2006, enquanto trabalhava no Club Med, ainda funcionava! Costumo brincar que meu intercâmbio de 6 meses foi para a Bahia, no Club Med, já que voltei falando outras línguas. Mesmo sendo de “quinta categoria” o meu francês, eu me comunicava. Cerca de 5 minutos no taxi boat e lá estava o diamante azul! Só de olhar para a montanha, tendo essa vista do mar, para mim já tinha valido a ida a Teahupoo. Longe de um dia clássico de surf, pular na água e ver a onda quebrando na bancada, fora a força da corrente puxando pra dentro, já era um item a mais na *wishlist* que eu podia riscar.

Bancada de corais linda, água muito azul, eu era a personificação da expressão “pinto no lixo”, o que se acentuava com o decorrer da viagem. O brasileiro que nos guiava, na verdade, nunca tinha ido ali. Falei que ia apresentá-lo ao verdadeiro Tahiti - abusada, eu sei. Esse rolê já fez valer a viagem, ter tido contato com a cultura local e ainda terminar o dia comendo um poisson cru (peixe em francês) foram o grand finale da aventura. Descobri uma comida preferida acima do Poke do Hawaii: nada mais que peixe cru com leite de coco, pepino, tomate e, às vezes, arroz de acompanhamento. Ainda pelo caminho, desbravamos umas cachoeiras lindas. O acesso à maioria delas é um pouco complicado ou depende de trilhas de algumas horas, tempo que não tínhamos.

No dia seguinte, ainda confusos sobre a programação e tontos com o fuso horário (são 7 horas a menos que no Brasil), resolvemos voltar a Teahupoo, só que dessa vez sem nosso



Vista do mar pra terra em Teahupoo



guia. Bruno achava que havia esquecido o pole (vulgo pau de selfie) da Gopro 360 no barquinho do Teva. Pra mim, qualquer migalha de desculpa já valia pra voltar. Saímos de casa sozinhos, guiados pelo Waze e paramos num posto para comer algo. No Tahiti, todo mundo anda com a baguete na mão, sem proteção alguma! Com a gente não foi diferente, compramos a nossa, colocamos gasolina, que aqui é chamada de Sans Plumb (sem chumbo) e partimos. Foi o perrengue chic da viagem: comer baguete com manteiguinha President (que aqui é tipo água) no Twingo velho que pegamos emprestado do nosso guia. Foi inesquecível, sem contar que o carro virou só farelo de pão!

Dirigimos cerca de 60 km rumo a Teahupoo. O Tahiti tem o formato de um 8, onde a parte menor é onde fica Papeete, o aeroporto e a cidade mesmo. Chamam de Tahiti Grande e Tahiti Pequeno, traduzindo bem ao pé da letra. Muita chuva quando chegamos em Teahupoo, a parte difícil era achar Teva. Eu lembrava da placa escrito “Sabrina”, Bruno lembrava da fachada da casa e não tinha uma alma penada na rua para perguntarmos. Depois de um tempo, achamos e coloquei o francês pra jogo. Para sair no barquinho custava 2.000 francos, o equivalente a 20 dólares por pessoa e ficamos na dúvida se embarcaríamos novamente ou não. Sou do pensamento “já que estamos aqui mesmo...” Fomos! Não nos renderam tantas fotos quanto no dia anterior, mas achamos o pole do Bruno no chão do barco e retornamos felizes para comer um poisson cru.

Último dia no Tahiti, próxima parada: Fakarava!

Não víamos a hora de entregar pro Diego e Georgia o tanto de mimo que trouxemos do Brasil!



Fakarava



Agora sim, nossa viagem começava num vôo ao meio-dia. Tivemos a sorte de sermos recepcionados por uma atendente fofa da Air Tahiti que nos deixou embarcar com trocentos quilos a mais na mala de mão porque entendeu que era equipamento fotográfico. Quatro horas de viagem, uma pausa na metade em Rangiroa e “partiu Faka”. Foi simplesmente o visual mais incrível que eu já vi de cima! Parecia videogame: mar muito azul, bolotas brancas espalhadas pelo oceano e uma bancada de coral que beirava a perfeição. Eram atóis, que segundo o Diego, são vulcões eruditos cujos pedaços permaneceram por ali. Fakarava, já te amo.

Diego e Georgia nos esperavam com 2 cocos nas mãos! Como eu queria que esse encontro acontecesse logo. Foram nos buscar de bicicleta dobrável, uma aquisição desde o Panamá que achei perfeita para a rotina deles! Sempre que chegavam a algum porto, ficavam a pé e a bike permitia que eles explorassem melhor os lugares. Mas essa forma de nos buscar não era o plano A! Eles queriam ter ido de veleiro, mas as condições do vento impediram. Agora, éramos 4 pessoas, 2 bicicletas e mil malas de rodinha. Tínhamos agora 3 km pela frente de chão, numa estradinha estreita que beirava a orla. Um carro parou, uma senhora falando um francês embolado ofereceu para deixar a criança que estava com ela e voltar para nos buscar.





Mas nem deu tempo para ela voltar. Uma camionete parou e nos ofereceu carona. Subimos na caçamba rindo muito! Ficamos no posto que tinha uma conveniência, que depois descobrimos ser o mercado de Fakarava. No mesmo posto, um mar azul esverdeado, enorme, e uma escada. A impressão era a de que estávamos de cara para a maior piscina do mundo!

Dormimos no veleiro, dividindo a cabine da proa. Mas isso foi só no começo. Ao longo da noite, ele (Bruno) foi migrando de lugar no barco até parar no sofá da sala de estar da embarcação. Bem longe de mim! No dia seguinte partimos para Pakokota, uma porção mais ao centro de Fakarava.



Bruno colocando a mão na massa com o Diego.







Vista aérea de Fakarava



Pakokota





Diego e Geórgia



Velejo tranquilo e espetacular! Chegamos a Pakokota no fim do dia e diria que é um local pacato e paradisíaco.

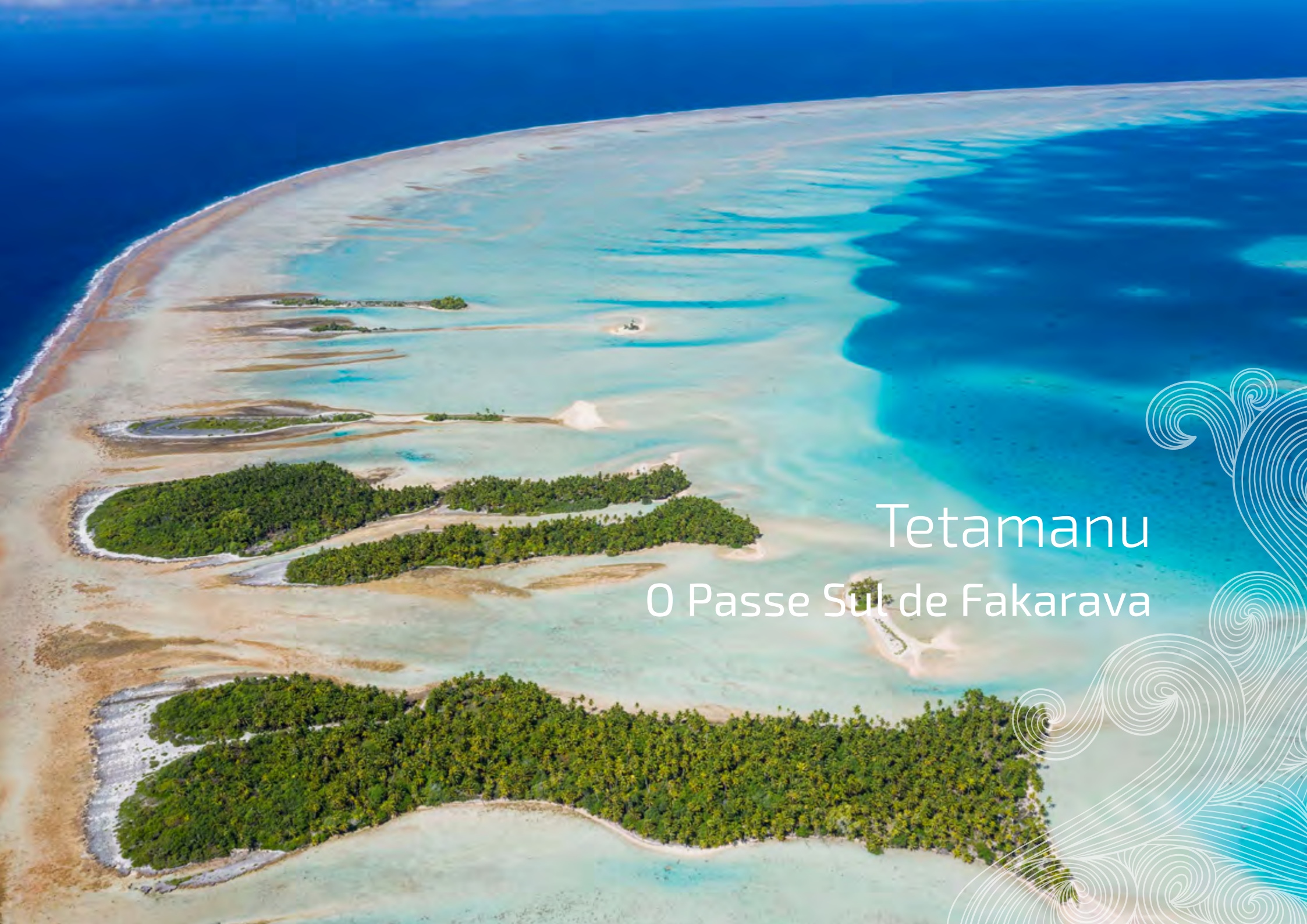
Tem uma casa, um casal de tahitianos e uma filha de aproximadamente 3 anos, e outro casal mais velho que aparenta ser os avós da criança. O chão é todo de coral e, claro, que desembarcamos do botinho sem chinelo. Que sofrimento! Mira na criança correndo descalça e nem tomando conhecimento dos corais no chão! Mesmo assim insistimos e fomos até o outro lado do atol com águas oceânicas. De cara, um frasco vazio aparentemente do shampoo Head & Shoulders (Alô, Procter & Gamble). Triste ver lixo nesse paraíso!

Essa família tinha uma vendinha onde a gente tomava 1 cerveja e pegava um *voucher* para usar a internet com velocidade de 300Mbps, ou seja, nada! E não abria domingo, mesmo sendo a própria casa deles. Respeitamos.

Um pouquinho mais pro lado, um pedacinho de praia onde decidimos levar uns alimentos e passar grande parte do dia ali! Pegamos coco do pé, dei um tutorial de como abri-lo sem precisar de ferramenta (ensinamentos de outras experiências em barcos) e ficamos por horas ali brincando com snorkel, até vermos o primeiro tubarão da trip! Não, não fico tranquila. Mas a vida marinha daqui é linda! Um conchas que guardam ostras que brilham como neon, muitos peixes diferentes e corais coloridos, fora a temperatura da água que beira 26 graus e eu acho perfeita.

Dois noites em Pakokota e rumamos em direção ao Passe Sul de Fakarava. Passes são locais onde o mar se conecta com a parte de dentro do atol e forma uma espécie de travessia e as embarcações conseguem passar. A vida marinha é bastante rica e o auge é o mergulho na *Shark Wall*, uma parede de tubarões que ficam paradinhos por conta da forte corrente. Eu já nem sabia mais o que esperar desse lugar. Com certeza, foi o lugar mais bonito que já fui em toda a minha vida!





Tetamanu
O Passe Sul de Fakarava





Eu amo a vida a bordo, apesar de eu não ter uma. Amo quando surgem essas oportunidades de troca e aprendizado. E a cada dia que convivo com o Diego e a Geórgia, gosto ainda mais deles. Gosto da relação carinhosa dos dois, do cuidado de um com o outro, da forma como eles se complementam e dos assuntos que surgem. Gosto da maneira como eles se comunicam, da calma do Diego em ensinar as coisas, do dia-a-dia e da organização da Gê.

Um outro detalhe que gosto quando estou no barco é de olhar o céu estrelado. Na cabine da proa existe uma gaiuta, vulgo janelinha. Através dela consigo ver o céu enquanto estou deitada. Até agora, pegamos lua cheia e um céu muito estrelado pois, claro, os locais em que passamos praticamente não têm ninguém, tampouco luz elétrica. Eu queria muito conseguir retratar o que vejo da cama para compartilhar, mas se torna praticamente impossível por conta do balancinho do barco.





Logo na chegada ao Passe Sul fomos recebidos por tubarões que rodeavam o barco enquanto ancorávamos. Eram os “Galha Negra”, sempre muito curiosos, se aproximavam com qualquer movimentação, fosse do bote, fosse do veleiro. A cor da água nos surpreendia a cada ancoragem, um degradê que ia do azul turquesa até um verde muito claro. Aglomerados de corais espalhados por toda a parte. Me sentia na fase do Mario Bros embaixo d’água que tinha que desviar das águas-vivas, mesmo sem ter águas-vivas. De bote, era exatamente assim: tínhamos que desviar para não machucar a hélice do motor.

Algumas manhãs, e logo que eu levantava, colocava o biquini e mergulhava ali mesmo onde estávamos ancorados. Era de praxe, sem nem lavar o rosto. Os tubarões foram ficando cada vez mais normais pra nós, apesar de eu sempre achar que eles poderiam ser temperamentais e, sei lá... não ir com a minha cara e “nhac”! Era engraçado... nas vezes que eu acordava e ia lavar a louça do dia anterior na popa do barco, logo os tubarões começavam a rodear. Eram pequenos, eu ficava feliz com a presença deles ali. Senti falta depois nos lugares em que eles não estavam mais.







Havia uma igrejinha, um bar e duas agências de mergulho. No bar, compramos uma cerveja para termos acesso à internet. Isso era uma constante: consumir algo para ganharmos o *voucher* de acesso. Bastava um único *voucher* de internet para satisfazer a todos nós. Isso porque havia um dispositivo no barco chamado “*Bad Boy*” que conectava a uma rede ativa e distribuía entre nós o acesso à internet. Santo Bad Boy! Mesmo estando num paraíso, seria hipocrisia dizer que não queríamos comunicação pra dizer que estava tudo bem, pra saber se os nossos estariam bem também e para postar uma fotozinha nas mídias sociais para terem certeza de que estávamos MUITO bem!

Próximo ao restaurante, o lado virado para a terra era raso e com dois palmos de água, tinham centenas de tubarões! Nos dias seguintes entendemos o porquê deles ali: todos os dias às 10h30 e às 17h os cozinheiros jogavam os restos de comida no mar. Era como se eles estivessem sendo domesticados. Achei meio triste, afinal, frango não faz parte da cadeia alimentar do tubarão, né? A dona desse restaurante era super mal-humorada e depois que conseguimos o *voucher* da internet, nunca mais voltamos. Agora me explica como consegue ser tão ranzinza morando naquele paraíso, sem trânsito, sem violência e com um visual tão maravilhoso? Vai entender...



No Passe-sul fizemos o snorkel mais incrível de todos. Do lado de fora do barzinho, uma parede linda de coral com muita vida marinha. Mas muita! Variedade enorme de espécies marinhas, cardumes de peixes, muitos tubarões, que quando nadavam nos olhando, eu e Bruno nos olhávamos! Estávamos à vontade, mas nem tanto! A forte correnteza funcionava como uma esteira nos levando. Era como se a gente estivesse dentro de um aquário gigante sobre uma esteira de onde podíamos ver o mundo submerso acontecendo por si só. Éramos meros expectadores ali! Eu amo essa sensação quando estou debaixo d'água, seja com snorkel, seja com cilindro. Aliás, uma das grandes melhorias que obtive nessa viagem foi a expansão dos meus pulmões. Brincava muito de apneia, até me surpreendia com a minha performance, distância e tempo que ficava sem respirar.

Um dos assuntos ali no vilarejo era “*Shark Wall*”, a já mencionada parede de tubarões. Contratamos uma agência pequena para o mergulho de cilindro no local. O nome do nosso guia era Dimitri, um francês lerdo que só! Inclusive, o jeito devagar-quase-parando dele virou brincadeira até o fim da viagem com o seu “okaaa” arrastado. Bruno acabou não indo para o mergulho com a gente porque não tinha a certificação e preferiu ficar no barco. A *Shark Wall* era de fato bonita e um fenômeno curioso. Dizem que os tubarões nunca param de nadar, então, eles se aproveitam da corrente contra no Passe Sul e ficam ali paradinhos. Confesso que eu esperava uma parede escura de tanto tubarão com todos parados olhando pra gente. Mas, na verdade, o que acontecia era a passagem de grupos de tubarões, quer dizer, nós éramos levados pela corrente e eles ficavam parados. Valeu muito o mergulho e confesso que fiquei feliz o suficiente com o nosso snorkeling! Na equipe de mergulho, um polinésio gigante pra cima e pros lados era o capitão do barco. A figura tocava um Ukulele e levava uma pizza gelada embrulhada em papel-filme, provavelmente para se alimentarem na viagem de volta pra casa deles.

Acho engraçado esse comportamento de homens, principalmente em se autoafirmarem, se mostrarem na presença de grupo de turistas, sobretudo quando tem mulheres no grupo. Geralmente sou super simpática, aperto a mão, abraço, sorriso. Mas quando vejo que esse instinto começa a aflorar, me recolho e fico de saco cheio. Foi o que aconteceu. Na viagem para o Panamá onde conheci Diego e Georgia, isso era recorrente. A Gê até brincava comigo dizendo que eu era o “tipo panamenho”. Cheguei a pensar muito se era comportamento e relação do homem na forma de enxergar a mulher era algo oriundo de países de terceiro mundo, ranços educacionais. Talvez. Acho que sociólogos me responderiam melhor a isso.







Na manhã seguinte, fui com o Diego e Georgia num pedaço micro de areia gravar um take de drone. Estou tranquila voando o drone quando o Bruno me liga do veleiro (ele havia ficado por lá). Achei estranho, porque sabendo que eu estaria com o drone no ar, o Bruno jamais me ligaria. Ainda mais chamada mesmo de celular, o que me fez pensar: “aconteceu alguma coisa”. Quando retornamos, a surpresa! No catamarã ancorado do nosso lado tinham três casais de meia-idade. Eles estavam mergulhando peladões, o bote soltou do veleiro e foi levado pela correnteza. Logo, o bote passaria por nós. Daria cena de filme, os casais peladões nadando para resgatar o bote e o Bruno de pé no *Unfo* olhando impotente tudo aquilo. Eles conseguiram resgatar o fujão! Seria uma versão polinésia do clássico brasileiro “Homem Nu”. Todo fim de tarde os casais costumavam tomar banho sem roupa. E brindavam à liberdade!

Chegamos a pegar uma chuva forte em Fakarava, mas era bem passageira, não sei se por conta da falta de relevos por ali. E quando chove, é um abre e fecha de gaiuta sem fim! Depois de 4 dias, seguimos para Rotoava novamente com direito a um pernoite em Pakokota só pra descansar. Diego e Georgia também queriam deixar uma sacola de roupas para lavar com a pequena família de Pakokota, que presta esse serviço aos barcos de passagem. É um dos desafios da vida a bordo, já que é inviável gastar água para lavar roupas se não existir um dessalinizador. Conseguiram lavar a sacolinha e um fato engraçado é que nenhum comércio de Fakarava funcionava aos domingos. Era o dia sagrado de descanso deles e pensamos que isso poderia ser ligado à religião - bem provável! Eu gostava de fotografar os coqueiros de Pakokota com a vista do mar. Ficava que nem pinto no lixo no mar clicando.

Nosso rumo no dia seguinte era para Rotoava novamente e chegamos que dia? Domingo! Tudo fechado. A vontade de comprar umas coisinhas gostosas no mercadinho tinha ido por água abaixo! Antes de ancorarmos, a Gê tinha feito uma observação muito valiosa.



Rotoava





Comentei que queria muito que as crianças estivessem brincando de pular na água e a Gê falou que seria bem possível porque era domingo e fazia todo sentido isso acontecer. De longe, Gê viu e falou “tem uma bicicleta parada ali”.

Bom sinal... de fato havia várias crianças brincando, pulando, se divertindo. Até esqueci a vontade de comprar um chocolate. Isso é um dos fatos que mais amo em qualquer lugar do mundo, ver como as crianças locais se divertem, e em geral com absolutamente nada, apenas juntas e sorrindo. É a felicidade simples, sem celular, sem tecnologia. Pedi para voltar voando no barco e montar a câmera na caixa estanque para fazer uns cliques de dentro d'água. Elas ficaram alucinadas com a câmera e com o Diego no bote, que levou várias pra darem um passeio com ele.





Essa interação é algo que não tem preço, dinheiro algum compra. Acho que no fim, eu estava muito mais feliz do que eles. Encontrei no dia seguinte a criançada, feliz ao me ver, ou feliz porque eu estava com a câmera na mão, imagino... A cena em que os encontrei foi muito curiosa: cada menino em cima de um pitoco de madeira, pareciam aves. Que lindo! Cheguei de mansinho, fiz as imagens que queria e no fim entreguei a câmera pra eles brincarem de um fotografar o outro. Não salvou muita foto não, mas imagino que a experiência que tiveram vai ficar pra sempre na memória dessas crianças.





Em Rotoava a regra da baguete continuava: de mão em mão, no balcão, em qualquer lugar. Acho que esse era o temperinho secreto do pão francês!

Conseguimos achar o Rotoava Grill, que abria às 18h. Fizemos plantão na porta desde as 17h30 esperando abrir. Comemos um dos melhores *poisson* crus de toda a viagem. Me dá água na boca só de lembrar. Que dia feliz! Como eu amo fechar o dia com esse sentimento.

Precisávamos passar uns dias em Rotoava para aproveitar a oportunidade de conexão com a internet e subir o vídeo da semana para o canal do Youtube do Diego e da Gê. Tarefa nem um pouco fácil em vários locais, que muitas vezes nem tem.

Fora os recursos escassos. O simples conforto de apertar um botão e girar uma torneira fazem a luz e a água serem bens de consumo quase sempre não valorizados por nós quando estamos em terra. No barco é muito diferente. Cada gota de água é extremamente valiosa. Por isso, muitas vezes, lavamos a louça na popa ou pulamos o banho um dia, dois... três não! Sobre a energia elétrica, o veleiro tem duas placas solares, mas em dias nublados ou chuvosos essa energia fica escassa. Então, combinamos o momento de carregar celular, laptops e câmeras. Coitado do Diego... não aguentava mais me ouvir perguntando “Diego, posso carregar a câmera?”. O capitão que manda.

Caminhando pela ruela principal de Rotoava, por incrível que pareça, o Bruno encontrou uma amiga de escola que nos convidou para um leilão de pérolas no dia seguinte. Não se espante, não é luxuoso, mas a Polinésia é famosa por ter pérola negra e fazendas que dominam a técnica de produção artificial da joia. Decidimos curtir a experiência e até brincamos dizendo que vestiríamos nossas “roupas de leilão”, que nada mais era do que roupas limpas! Essa expressão foi usada também até o fim da viagem, principalmente quando eu colocava uma blusa de botão. Ruído de comunicação, não rolou leilão e ficamos vagando por Rotoava. Que delícia não fazer nada! Optamos por não mergulhar no Passe Norte porque não era garantido que veríamos arraias e outras espécies. Seguimos então para Toau, onde havia a expectativa de ser um dos atóis mais lindos do arquipélago Tuamotu.





Toau



A navegada até Toau foi um pouco mais longa e também mais mexida! Entramos oficialmente no Oceano Pacífico que, como diz Diego, “apesar do nome, merece respeito”.

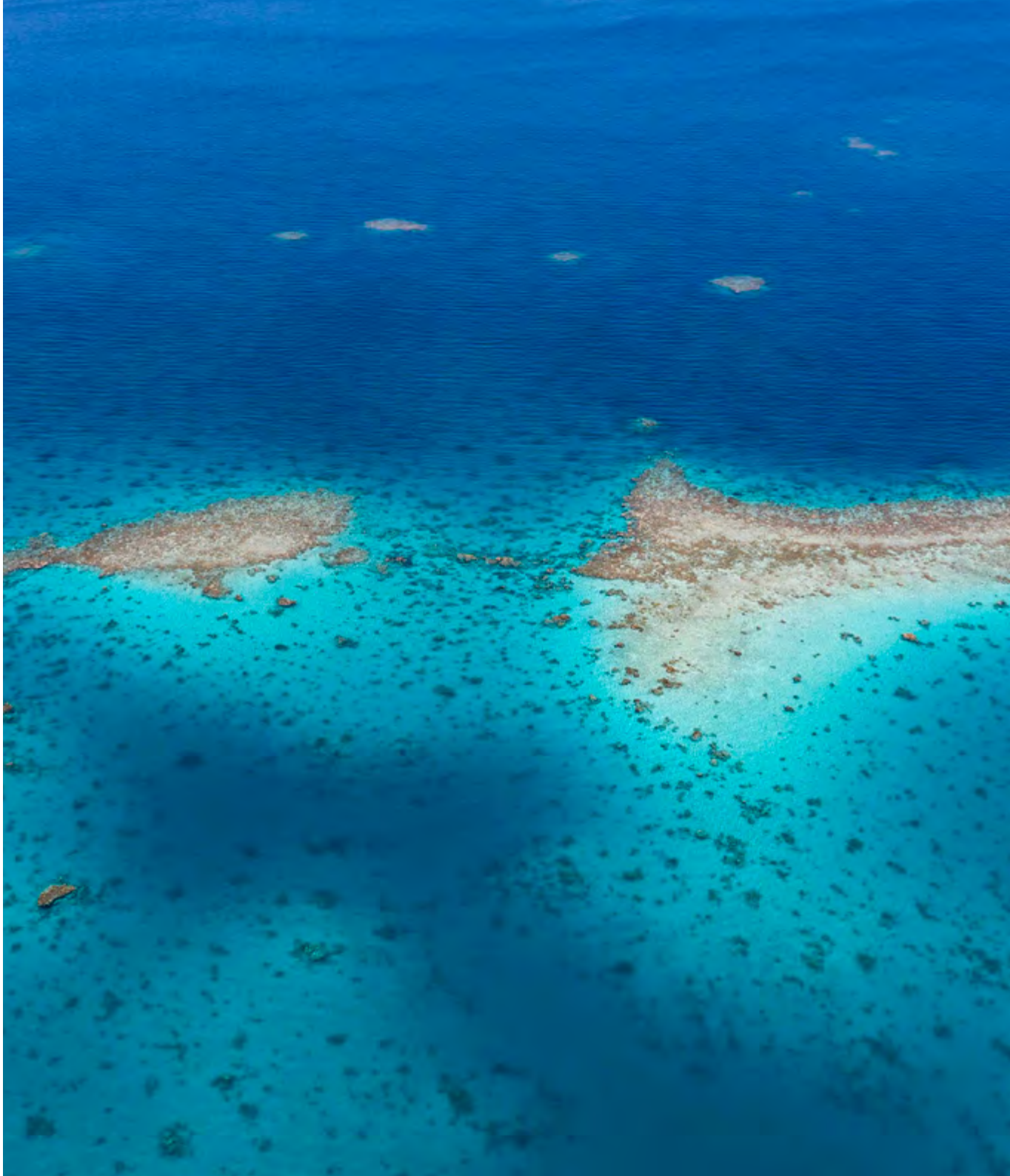
Assim que atravessamos o Passe Norte, tudo mudou. Passamos de uma área protegida pelo atol ao mar aberto. Águas roxas, uma definição que costumo dar para o tom mais bonito de mar que já vi. Mas quem nunca navegou, muitas vezes, não consegue entender. Ondas maiores, mar bem mais agitado e uma emoçõzinha no coração! Estar no Pacífico nesse contexto era algo especial.

Ao todo, foram cerca de 7 horas em alto mar. Chegamos a Toau por volta das 14h30 e foi muito impactante. Um degradê muito acentuado das cores do mar. Um azul de arder os olhos! Ancoramos entre duas ilhas, uma à direita inabitada e outra à esquerda com umas casinhas. Ali mora o casal Valentine e Gaston, casados há mais de 20 anos. Somente eles na ilha. Estão mal?

Já tínhamos essa informação sobre o casal e sobre o preço da poita e também que Valentine fazia uma ótima refeição - 5 e 20 dólares, respectivamente. Assim que ancoramos, fomos nos apresentar. A chegada pelo píer já antecipava o que estava por vir - uma panela no mar e um monte de peixes.

De início, achei a Valentine meio desconfiada, mas aos poucos foi se soltando e gostando da gente. Ela nasceu ali, já o Gaston veio do Tahiti e era amigo do irmão dela. Juntos, têm uma filha, já casada, que mora na Nova Caledônia. Encomendamos a lagosta e o *poisson cru* ♥ para o dia seguinte. A verdade é que ela não falava lé com cré, uma hora dizia para buscarmos o almoço às 10h30, outra hora dizia às 11h30. Mas, estava tudo bem! Era o único compromisso que tínhamos na semana. Estávamos famintos e nessa variação da Valentine, ela chegou a perguntar se a gente queria o almoço naquele dia.... Dissemos que sim, mas ela ignorou.

Na propriedade deles tinham uma cabine telefônica (?) - objeto no mínimo inusitado para o lugar que era, né?, a casa em que moravam tinha uns bangalôs construídos por ela e pela mãe. Vi também diversas conchas catadas (ela é das nossas!), muitos coqueiros, alguns frutos pelo chão que seriam usados em outro momento para fazer leite de coco, além de galinhas, porcos e um barco em construção. De acordo com o Gaston, ele terminaria a embarcação em 2 meses. O casal era bastante auto-suficiente. Gaston saía para a pesca e só voltava no dia seguinte. A lagosta tinha um canteirinho no mar, se quiséssemos comer a iguaria, aquele seria o último dia porque ia começar a temporada de reprodução quando a pesca é proibida. Além disso, na temporada, funcionava um restaurante, já que o número de barcos chegava a 300 por ano.



O dia terminou com um delicioso legumes ao curry, feitos pela Gê, que manda muito bem na cozinha, mas que dessa vez pesou um pouco a mão na pimenta. Apenas um pretexto para abrimos algumas Coronas e aliviar o paladar. O sono veio cedo, assim que acabou o jantar. Antes das 20h todos já dormiam. Outro detalhe que me seduz na vida a bordo e sem conexão com terra é funcionar no tempo do sol, olhar as estrelas ao deitar e acordar com o dia clareando.

Logo cedo saímos de bote para explorar a ilha da Valentine e a outra menorzinha à frente. Começamos pela menor e não conseguimos chegar por conta dos corais, tampouco atracar. “Cruzamos a rua” e fomos para a da Valentine. A prainha da ponta era o paraíso! Subimos o drone para ver de cima e bah, indescritível. Só por imagem.





Na curva da direita descobrimos o paraíso

Esse barco no meio é o
Unforgettable, ou seja,
a gente. Tudo nosso,
ahá uhu.



Acompanhamos o processo lagosta - *poisson cru* da Valentine e Gaston e foi bem interessante!

Ele buscava nessa cabaninha, esquentava a panela, de onde mal conseguia tirar a tampa de tão quente e colocava a lagosta nessa água fervendo. A pesca era feita para alimentação própria, sem fins comerciais. Ele lançava essa panela na água do mar, que era a forma de “lavar a louça”. Lembra da panela que vimos assim que chegamos? Era essa!

Levamos o almoço para o nosso barco porque a Valentine não queria fazer arroz. Complementamos o rango e comemos no *cockpit* com direito a uma *pamplemousse* de sobremesa, típica fruta da Polinésia, parece um limão gigante com sabor que lembra o de uma *grapefruit*.



Gaston buscando a lagosta



Esquentando a panela



Preparando o prato



A lagosta com *poisson cru*



Diego e Bruno sem esperar a foto



Diego com *pamplemousse*



O restante da tarde foi especial. Talvez um dos pontos altos dos dias a bordo do *Unfo*, como carinhosamente chamamos o veleiro. Na entrada do “falso passe” onde estamos ancorados, há uma bancada de corais. Ali se formam ondas que quebram na rasa bancada. Fomos até lá explorar, amarramos o bote numa poita que apelidamos de Jack Sparrow. Até numa poita Gaston pensou. Foi a visão mais maravilhosa que tive nos últimos tempos.

Quando eu era mais nova sempre dizia que queria ter um aquário de água salgada em casa, ficava horas admirando quando via um. Fui crescendo e a vontade de ter algum animal preso foi só diminuindo. A sensação quando coloquei o rosto dentro d’água e nadei adiante foi exatamente a de ter entrado num aquário. Pude ver uma das cenas mais lindas da minha vida! Uma bancada riquíssima de corais, muita vida marinha, peixes de todas as cores dançando de acordo com o balanço das ondas e, para completar, a visão por trás da onda quando ela quebrava. Essa imagem esteve presente em alguns dos meus sonhos, mas a cena real estava bem ali, acontecendo só para mim!



Foto dos sonhos

Diego, Georgia e Bruno tinham ficado pra trás. O tempo estava chuvoso, seguido de um arco-íris que veio para enfeitar ainda mais o cenário. Gritei pelo nome deles, em especial Diego, que me acompanhava na hora de arriscar um pouco mais tipo ficar no crítico da onda e descer mais profundamente na apneia. Ficamos cerca de meia hora ali porque uma nuvem carregada se aproximava e seria meio chatinho voltarmos com chuva no rosto. Eu tenho certeza que a pessoa mais feliz do mundo naquele dia era eu!

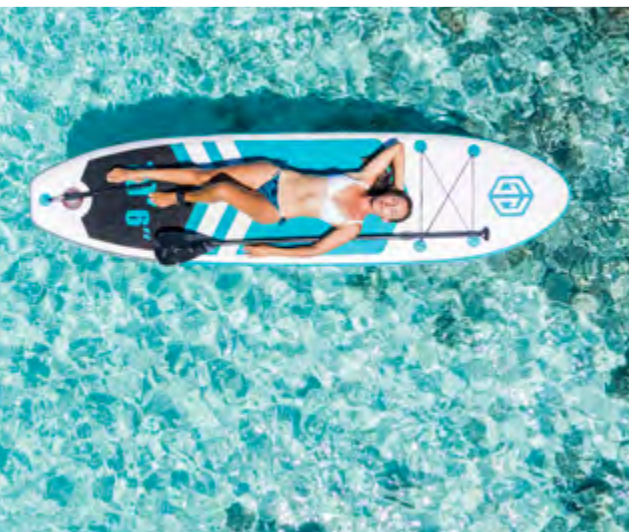
Quando voltamos, o mundo desabou! Veio uma chuva muito forte. Não me contive e fui pra água novamente! Amo estar no mar e fotografar com chuva. Finalizamos o dia contemplando o céu mais estrelado que já vi. Muito agradecida por ter conhecido esse pedaço de paraíso.

Fomos surpreendidos por uma manhã chuvosa e cada pirajá oscilava com um respiro de sol. Por pouco achei que nosso dia seria todo no barco. Aproveitamos uma brecha no clima, por volta de 10h30, e voltamos para a bancada de corais que eu amei. Até então, o restante do grupo não havia visto o que vi e eu queria muito compartilhar aquela cena. Realmente esse local surpreende todo mundo. Diego ainda ficou um pouco mais embaixo, perto da bancada rasiinha, e nós ficamos brincando com as ondas, brincando de assistir os bastidores. Esse é o sentimento mesmo. Parece que somos meros espectadores, admirando a dança do universo que existe no mar como se fôssemos nada. E somos, né? Natureza equilibrada, cadeia alimentar funcionando redondinha, tubarões indo e vindo, ondas indo e vindo. Ficaria horas ali. Se eu pudesse escolher um super poder, escolheria respirar embaixo d'água. Assim, além de poder estar em qualquer mar que eu quisesse, saberia muito mais do que acontece no universo marinho.





Nossa tarde também foi inesperada, imprevisível. Na troca de maré, a cor do mar ficou de uma tal forma que eu não consigo descrever! Mesmo mostrando a foto mais bonita que eu fiz, ela não será capaz de traduzir a real beleza. O barco parecia flutuar. A prancha de *stand-up paddle* que colocamos no mar também.





Um ótimo lugar para treinar apneia e catar alguns resíduos sólidos jogados no fundo. Estávamos com cerca de 11 metros de profundidade e era fácil achar garrafas e utensílios diversos dispensados dos barcos que passavam em Toau. Mesmo nos paraísos mais remotos encontramos lixo que atravessa mares até parar em algum. Me deparar com isso me coloca para pensar.

Nossa noite terminou com uma conversa no quintal da Valentine e Gaston. E é muito engraçada essa necessidade do ser humano de se comunicar. Mesmo com nosso francês restrito, eles faziam mímica, sons e todo mundo se entendia. Espetacular! Bebemos uma cerveja, porque tudo chega com muito mais dificuldade que em outros lugares, e terminamos vendo as estrelas e fazendo umas fotos com tripé. Já mais tarde, no veleiro, comemos o pão feito pelo Diego. Deitamos na proa olhando mais uma vez para o teto estrelado. Outro dia concluído com sucesso!



O sol do dia seguinte nos castigou. Nos empolgamos tanto com a água azul e o dia de sol que abstraímos a proteção. Com uma manhã mais relax da galera, peguei o SUP e fui remando para *Cata's Right*, nome que dei para a bancada rasa com as ondas ali na curvinha do atol. Amarrei o SUP na poita e fui ser feliz no meu universo paralelo. Sozinha. Pensei em muita coisa, nossa! Agradei por muito também. Que privilégio! Foi a personificação do "*This is living*", slogan da Corona que não poderia ter se encaixado em outra viagem a não ser essa. Na bancada, algumas fendas um pouco mais profundas, onde descobri que poderia me esconder quando vinham as ondas, o que as tornava maiores e ainda mais interessantes nas imagens. Brinquei por cerca de uma hora e saí satisfeitíssima! Inesquecível. Me senti vencedora voltando com as tralhas amarradas no SUP e numa prancha patinadora sem quilha. Mais um dia finalizado com o céu estrelado a nos mirar.





Segunda-feira, última manhã em Toau, hora de dizer “até logo” pra Valentine e Gaston. Pisamos na praia e ela parecia de mau humor. Não entendemos se era algo pessoal ou se aquele fluxo de gente indo e vindo de alguma forma chateava a Valentine. No fundo, eles conhecem muita gente mas não criam vínculos com ninguém. Deve ser cansativo isso, imagina para ela que nasceu nesse mesmo lugar? Fomos fofos iguais, entendemos, fomos carinhosos e no final ela já estava sorrindo de novo. Fizemos uma foto juntos, quero enviá-la impressa assim que chegar ao Brasil. Correio ali não existe, mas é só mandar para Gaston e Valentine, Fakarava, PO Box 142 que ela disse que chega! Dever de casa para o meu retorno. Gosto de surpreender as pessoas com lembranças impressas.

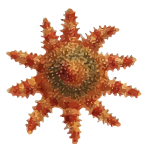
O sol queimava no céu e a ausência de vento nos dizia que nossas próximas 22 horas de travessia até Makatea seria pelo motor. Diego decidiu mudar nosso itinerário, que previa Apatak antes de Moorea. Capita que manda. Makatea previa ser um atol diferente. Algum acidente geográfico no Tahiti resultou na suspensão do Atol de Makatea, que teria falésias compondo a paisagem. Achei curioso! Saímos por volta das 13h30 de Toau deixando um pedaço do nosso coração por lá. Ficaríamos o restinho de ano talvez, levando em consideração que estávamos no fim de fevereiro. A previsão de chegada em Makatea era por volta de 11h da manhã e acabou dando certo.

Travessia tranquila, calma, sem vento. Consegui dormir às 19h e acordar 1h da manhã, o que é muito sacrificante para mim. Costumo dormir cedo, mas funcionou dessa vez. Passei as 4 horas em que estive acordada olhando o céu, ouvindo o barulho do *Unfo* cortando as micro ondas e movimentando os plânctons verdes na água. Foram mais de quinze estrelas cadentes no céu e eu alternava entre fazer um pedido e simplesmente agradecer pela vida que tenho e pelas oportunidades que surgem. Durante os dias sem internet, peguei um livro do barco para ler, chamado “O Lobo do Mar”. Uma das passagens que me chamou a atenção dizia que *“nenhum homem cria a sua oportunidade; o mais que os grandes homens podem fazer é percebê-las quando as oportunidades chegam”*. Talvez seja por aí mesmo.





Makatea



A chegada em Makatea me deixou confusa! Realmente uma falésia gigante presente por toda a ilha, chegamos a arriscar uns 30 metros de altura. A vegetação completamente diferente do restante das Tuamotu.

Gosto muito de ouvir o Diego explicar o que sabe, ver como ele é interessado e pesquisa sobre os lugares que vamos explorar. Gosto de aprender com ele, gosto do jeito dele contar o que sabe ou o que escutou. Ele sabe muito! Sempre tem alguma informação muito legal para acrescentar.





A ancoragem em Makatea era muito próxima da costa, talvez a mais perto que o *Unfo* presenciou, com o barulho do mar super presente. No local onde apoitamos, vestígios de um porto desativado, alguns escombros, meio esquisito! Diego disse que durante anos houve a exploração de fosfato na ilha e cerca de 1000 pessoas chegaram a residir ali. A extração do mineral acabou, não sabemos se por escassez ou falta de interesse, mas os resquícios da mineração permaneceram no atol. Quando pisamos em terra pudemos ver por todo o trajeto que fizemos grandes parafusos, porcas, trilhos, vagões de trens e muito maquinário espalhado pela pequena vila. Bem triste, meu coração apertou e pensei o quanto o ser humano é explorador e pouco se importa com o social. A vila permaneceu, sem grandes atrativos, e atualmente conta com menos de 100 habitantes.

Caminhamos sob um sol fortíssimo, sem vento (em francês *pas du vent*) e em busca de uma gruta com água doce. Andamos muito! No caminho, paramos numa vendinha para comprar besteira e descobrimos que os suprimentos chegavam uma única vez por mês em Makatea, o que nos fez comprar de imediato a última caixa de ovo do local e fazer o restante do trajeto com o desafio de mantê-los inteiros. Aliás, ovo é um alimento bem versátil, mas super difícil de armazenar no barco porque a geladeira é vertical e praticamente sem prateleiras, numa configuração diferente das que estamos acostumados. Nessa vendinha, um mapa pintado na parede indicava “Belvedere” para um lado, “Pot Hole” para o outro. Confundimos um buraco gigante com esse Pot Hole e quando achamos o Belvedere, pensamos que não encontraríamos a tal gruta.

Voltamos e no meio da estradinha paramos numa escola, a única da ilha, para pedir um pouco de água potável para beber e fomos presenteados com um coco cada um e a informação de que chegamos na boquinha da gruta, mas voltamos. Ao todo foram 12,3 km de caminhada debaixo de um sol senegalês que acabou nos rendendo um banho de mar na chegada e um risoto delicioso (pra variar) feito pela Gê. Finalizamos o dia assistindo ao pôr do sol e o surgimento no céu da lua minguante. Toda a tripulação foi dormir às 19h por motivo de cansaço.

Diego, Georgia e Bruno insistiram em encontrar a gruta na manhã seguinte. Confesso que passei o programa já que estava com as coxas assadas de roçar uma na outra. Ninguém mandou ser roliça. Preferi ficar no barco, terminando meu livro, lavando a louça e fazendo nada.

Nossa partida de Makatea em direção à Moorea era longa. Entramos oficialmente na reta final da viagem. Quando lembro do que fizemos no Tâhiti ou das nossas surpresas com a água de Rotoava, sorrio da nossa ignorância em não saber que o que nos esperava atropelaria tudo isso.







Moorea



De Makatea a Moorea foram cerca de 22 horas num mar que de tão liso parecia uma lagoa. Nos revezamos nos turnos e fiquei surpresa com a minha capacidade de dormir das 17h à meia-noite para ficar acordada na madrugada. Isso é realmente incrível, já que na minha rotina durmo cedo.

Vimos Moorea surgir aos poucos no horizonte e foi impressionante. O dia estava meio nublado, meio lusco-fusco, mas o relevo da ilha seduzia. É de frente para o Tahiti e, um dia talvez, na vida do planeta, tudo tenha sido um grande acidente geográfico. Georgia me sacaneava quando eu falava “Oh Diego”, e emendava em uma pergunta. O capitão, pra mim, era uma enciclopédia ambulante rica em assuntos e histórias interessantes. E era a quem eu recorria quando queria saber sobre algo. Tipo criança pequena com o pai.





A chegada em Moorea nos fez reconectar celulares. Os três dias seguintes foram de muita chuva e um tempo atípico. A ancoragem realmente surpreendia pela facilidade e mordomia. Na praia, padrão europeu, chuveiro, ancoragem próxima da areia, um mercadinho a 100 metros e uma ondinha divertida atrás. A água ainda era bem clara e com visibilidade muito boa, até o dilúvio chegar. Gravamos a pauta “um dia na vida de um fotógrafo de água” e conseguimos nos divertir com o Diego surfando de *longboard*. Georgia nos conduziu na busca por uma coroa de flores polinésias e comi o *poisson* cru mais fresco de todos os tempos num snack chamado Mahana, com certeza essa comida foi feita com muito amor. Durante todo o mês, eu e Diego brincamos, incansavelmente, de chamar o “Thon” de peixe raro no Tahiti, quando na verdade é a tradução de atum mesmo. Tudo por conta de uma falta de percepção do nosso guia no Tahiti que disse isso quando pedi o primeiro *poisson* cru da trip. A coroa de flores rendeu um ensaio lindo do Bruno com a Gê, que se saiu muito bem de modelo. Linda que só ela, foi fácil para o Bruno fluir nessas fotos. Sinto cheiro de tendência nova nas fotos do Bezerra!

Não digo que não gostei de Moorea, mas no fundo desacelerou nossa viagem e fomos voltando aos poucos à realidade. Na ida ao Tahiti, de onde parte nosso voo, navegamos por cerca de 3 horas em um mar bem mexido e com chuva. Foi necessário muita concentração para não passar mal. Palmas para mim que saí ilesa, sem enjoar, numa viagem de 1 mês no balanço do barco. Logo que chegamos na marina de Papeete, cerca de 5 amigos do Diego e da Gê nos receberam já ajudando a parar o barco. Pessoas queridas e gentis que pudemos sentar juntos para uma pizza e uma cerveja no último dia. Chris, sueco, Josh e Rachel americanos, casal lindo que pensava em adotar um filho. Ela (Rachel) era uma mulher bastante engajada e ativista. Legal encontrar pessoas assim. Conversei bastante com a Rachel, que ficou surpresa com minhas fotos de surf e se empenhou em fazer a ponte com uma diretora de fotografia de surf da Patagônia - apenas a minha marca dos sonhos de um dia trabalhar junto. O Universo sempre me lembrando que existe e está ao meu lado. Certeza de que foi o famoso “fechar com chave de ouro” um mês perfeito quando parecia que eu estava dentro de um sonho o tempo todo.





Na despedida, um sentimento de agradecimento, de plenitude tão grande com Diego e Geórgia, que nem quis falar muito sobre isso para não me emocionar. Mais uma vez sou muito grata pelas pessoas que atravessam e se instalam no meu caminho, que trocam e que se associam e se conectam a mim por simples elementos de interseção: o oceano e o amor pelo mar. Combinamos de nos reencontrar em maio para a exposição sobre a Polinésia e em setembro, em Fiji, para um novo projeto que ainda está embrionário.

A vida a bordo me fez voltar com novos hábitos e relembrando o grau de responsabilidade de cada um no caos que se encontra o planeta, ambientalmente falando. Volto com muito aprendizado na mala, com fotos bastante satisfatórias pra mim e a realização de um sonho que eu não sabia que seria possível. Muito a agradecer pela oportunidade e pelo *Unforgettable* ter nos proporcionado navegar por um mar tão carregado de boas energias!

Dias depois, me arrependo de ter voltado. Talvez, o *Unfo* fosse o melhor lugar para estar no mundo.





Algumas das experiências vividas estão no canal do Youtube da Gê e do Diego. Para conferir, basta apontar a câmera do celular para o QR Code ao lado.

Projeto gráfico: Flávia Miranda - @flaviamirandadesign
Revisão de texto: Alessandra Martins - @alemartinsalemartins

